

A ESCRITA DAS *RELACIONES DA JORNADA DE LOPE DE AGUIRRE* (1560-1561)

DEISE CRISTINA SCHELL*

Introdução

Quando tratamos de analisar os escritos coloniais, através dos quais, como veremos, os conquistadores intentavam imprimir a “veracidade” do vivido acerca do descobrimento e da Conquista, o cuidado metodológico deve ser redobrado. Os “elementos incontrolados” de que lembra Ginzburg, emergem aí sob a forma de imaginação, escolha, silêncio, esquecimento, emoção, intenção, experiência, interesse, entre tantos outros. Por essa razão, ao se deparar com as fontes textuais do século XVI, o historiador, viajante do passado, deve ter o olhar astuto, que pensa, “instiga e provoca a cada instante sua empresa de inspecção e interrogação” (CARDOSO, 1988, p. 349). É exatamente de escritos do XVI que se ocupa a “empresa de interrogação” de que tomamos parte neste momento; mais especialmente, daquelas que são as primeiras narrativas sobre a *Jornada de Omagua y Dorado*, produzidas por participantes desta expedição de conquista que tomou o rumo do rio Amazonas entre os anos de 1560 e 1561.

Nesta *Jornada*, os expedicionários – homens experientes em campanhas espanholas de conquista que exploravam o espaço americano – se empenharam em procurar, no interior da Floresta Amazônica, as tão ambicionadas riquezas que, pensavam, estariam escondidas nos reinos míticos de *Omagua* e *El Dorado*. Ocorreu que, no meio do percurso, um grupo se rebelou contra o comando da expedição e a Coroa Espanhola, ocasionando o confronto, a discórdia e a violência entre toda a hoste. Até o final da viagem, muitos personagens da *Jornada* foram assassinados no meio da mata e um deles, sozinho, foi responsabilizado pelo episódio da insurgência e pelas mortes de seus companheiros: Lope de Aguirre.

O que aqui pretendemos é, rapidamente, discutir o que motivou os expedicionários que participaram da *Jornada de Omagua y Dorado* a produzirem as

* Mestranda em História na Universidade do Vale do Rio dos Sinos. Bolsista CNPq.

suas versões sobre ela. Para isto, veremos o que significava escrever nos primeiros anos da Conquista Espanhola, quais os conceitos de “verdade” e de “história” que se vislumbrava a época e como as experiências, as práticas e os lugares de produção influenciavam nas representações que os conquistadores construía de suas vivências. Por fim, analisaremos as *Relaciones* objetivando compreender como (e quais as razões para as suas escolhas) os seus autores representaram as suas participações na *Jornada*, o próprio evento e o seu principal personagem, Lope de Aguirre. Estas *Relaciones*, como observaremos, revelam “as tensões existentes no momento em que foram produzidas” (REIS; FERNANDES, 2006, p. 40). Distantes da “objetividade” pretendida, e tantas vezes reivindicada aos textos coloniais, pretendemos compreendê-las como partes “do próprio processo de construção da história” (REIS; FERNANDES, 2006, p. 41). Interessa-nos, pois, perceber como foi construída pela primeira vez a história da *Jornada* e, conseqüentemente, como naquele momento foi escrita a história da Conquista da América.

Uma Jornada, sete Relaciones

Diz Roger Chartier que “o medo do esquecimento obcecou as sociedades europeias da primeira fase da modernidade” (2007: 10). Talvez esta seja uma explicação para o importante papel que desempenhava a escrita nos primeiros anos de conquista e colonização espanhola da América. Conquistadores, burocratas, aventureiros, missionários e viajantes, todos pareciam dispostos a “empunhar a pena” e escrever o que viam e viviam. Textos repletos de informações, tanto sobre os povos e lugares encontrados neste espaço desconhecido quanto sobre o desempenho das empresas de conquista hispânicas e as façanhas de seus homens, surgiam com intensidade naquele “mundo de iletrados” (KARNAL, 2006: 11). Escrever se tornou a forma de relatar aos conterrâneos do Novo e do Velho Mundo a ainda nova e distante – não só aos olhos, mas principalmente aos sentidos – realidade americana. Mas não se tratava de um simples informar: narrar significava, antes de tudo, guardar memória, registrar, argumentar, justificar, reivindicar a verdade. Segundo Michel de Certeau,

A escrita acumula, estoca os ‘segredos da parte de cá, não perde nada, conserva-os intactos. É arquivo. Por outro lado ela ‘declara’, avança ‘até o fim do mundo’ para os destinatários e segundo os objetivos que lhe agradam - e isto sem ‘sair do lugar’, sem que se desloque o centro de suas ações, sem que ele se altere nos seus progressos. Ela tem na mão a ‘espada’ que prolonga o gesto, mas não modifica o sujeito. (DE CERTEAU, 1982: 217)

O discurso inaugurado pelos conquistadores espanhóis que se aventuravam no continente americano intencionava prolongar e enaltecer os heróicos gestos que eles protagonizavam em nome de Deus e do rei nas ações de conquista, conservá-los intactos na memória e declará-los “até o fim do mundo”. Para fazê-lo sem “sair do lugar”, utilizaram diversos tipos documentais, tais como as *cartas relatorias*, as *relaciones*, os diários, as epístolas, as crônicas, as histórias, as notícias, os informes e as descrições. Eram escritos públicos, em sua maioria oficiais, pois em grande parte das vezes seguiam regras específicas de escrita e confecção determinadas pela Coroa e eram solicitados por ela e que, para além de informar as autoridades reais do que ocorria com seus súditos no além-mar, eram destinados a construir uma verdade acerca dos eventos da Conquista. Stephen Greenblatt atesta que, para a cultura quinhentista, as provas escritas tinham grande validade, já que ela não confiava inteiramente em testemunhos verbais. O importante era que tudo fosse registrado e revestido da maior autoridade, assegurando a fixação da memória da exploração das terras descobertas: “os documentos autenticados são um penhor da verdade da descoberta e, portanto, da legalidade da reivindicação. Ou antes, eles ajudam a produzir a ‘verdade’ e a ‘legalidade’” (GREENBLATT, 1996, p. 81).

O ato da escrita, na América colonial, ia muito além de simplesmente narrar: era preciso revestir de autoridade o testemunho; autoridade respaldada não só pelo documento em si, mas pelo vivido. Nesta profusa produção de narrativas, era a experiência, pois, que preenchia as linhas dos escritos. Somente quem viveu e, mais do que isto, viu, poderia construir um relato verídico e inquestionável sobre o que o que ocorria no além mar, e produzir a legitimidade da Conquista Espanhola. Talvez, por esta razão, as *relaciones de la conquista y la colonización* tenham sido um tipo discursivo muito utilizado pelos conquistadores do XVI que pretenderam narrar acontecimentos e comportamentos de que tomaram parte sob o seu particular ponto de vista.

O vocábulo *relación* tem o sentido, no século XVI de um relato ou de uma “*narración o informe que se hace de alguna cosa que sucedió*” (MIGNOLO, 1992: 70). Conforme indica Walter Mignolo, se relacionado o termo com os documentos originados pela Conquista, o significado é mais específico: trata-se de um “*relato/informe solicitado por la Corona*” (MIGNOLO, 1992: 70). No entanto, este tipo discursivo, segundo este estudioso, se caracterizaria por ser algo mais “fechado”, por

responder somente a um questionário imposto pelas autoridades reais. Os escritores das *relaciones*, ao menos supostamente, não deveriam escrever simplesmente o que “viam”, mas o que o Rei “queria saber” (MIGNOLO, 1992: 71), restando a estes documentos “*poco de literario o de retorico*” (MIGNOLO, 1992: 72). Em cédula datada em 8 de março de 1533, a Coroa Espanhola sistematizou aquilo que desejava que constasse nas *relaciones de conquista y descubrimiento*¹.

É bastante provável que a recorrente utilização deste tipo discursivo na escrita da Conquista se deva exatamente por ele inscrever-se em “*un marco documental y oficial*”, o que pressupunha que a narrativa estivesse certificada pelo próprio Estado e sugeria “*una equivalencia implícita entre narración y verdad*” (PASTOR, 1988: 148). Na prática, diversos escritos intitulados como *relaciones* produzidos durante o Quinhentos ficaram distantes da definição de Mignolo, quando ele afirma que elas tinham pouco de literário ou de retórico ou que eram motivados somente por uma solicitação da Coroa. Mesmo que a escolha deste modelo para a escrita da Conquista, teoricamente, implicasse uma regra, uma normatização do narrado, o indivíduo se sobressaía. Muitas incluíam reflexões, expectativas e justificativas pessoais de seus autores e, é claro, informações fantasiosas impregnadas de imaginário e de representação do ambiente da Conquista (das ações dos espanhóis ou da natureza americana) ou dos indivíduos (seja dos nativos ou dos próprios conquistadores). Além do mais, muitas *relaciones* eram produzidas por iniciativa própria de seus redatores.

Um exemplo disto é a *Relación* que Gaspar de Carvajal escreveu em 1542 sobre a viagem que fez à região amazônica, iniciada no ano de 1541, junto ao grupo comandado por Gonzalo Pizarro e por Francisco de Orellana. Nesta expedição, em meio à descida do Rio Amazonas, a tropa, acossada pela fome, foi dividida em duas: enquanto o grupo maior aguardava na floresta com o comandante Pizarro, um pequeno contingente foi confiado a Orellana para que procurasse alimentos na região de confluência entre os rios Coca e Napo. A combinação feita entre os dois determinava

¹ Basicamente, solicitavam-se dados que auxiliassem na conquista de terras e de povos nativos, na futura colonização dos espaços descobertos, na distribuição entre os conquistadores e a Coroa dos resultados materiais desta conquista, de mercedes e de encomiendas: os nomes das províncias e das populações encontradas, quem foram os seus primeiros conquistadores, quantas províncias já estariam povoadas por espanhóis, em quais partes existiam minas, metais ou pedras preciosas (MIGNOLO, 1992: 72). Por sua natureza objetiva e imparcial, uma *relación* “*llevaba implícita la certificación del contenido y constituía una cierta garantía de su veracidad*” (PASTOR, 1988: 95).

que, caso Orellana e seus homens não regressassem ao encontro do restante do grupo, deveriam todos retornar ao Peru seus próprios meios. Segundo a justificativa dada pelo próprio Francisco de Orellana, a forte correnteza do rio não permitiu que ele cumprisse a palavra dada ao capitão da expedição, fazendo-o continuar a viagem até a sua foz, localizada no Oceano Atlântico.

É justamente sobre esta aventura seguindo o curso do Amazonas que o frei dominicano produziu o seu relato, “como tentativa de justificação para o descumprimento do acordo feito de regressarem, ele e seus companheiros, em auxílio dos demais, após a obtenção de víveres” (MARTINS, 2006: 35) e “isentar Orellana da culpa que lhe era atribuída por não ter cumprido o acordo feito com Gonzalo Pizarro, ao dar seguimento à viagem em vez de voltar em socorro dos companheiros famintos” (MARTINS, 2006: 41). Redigiu-o espontaneamente como um pretense “informe e narração de algo que ocorreu”, sem qualquer reivindicação vinda de seus superiores, a fim de se defender de qualquer acusação de desvio de conduta que pudesse ser feita contra o grupo de expedicionários do qual fazia parte, e de seu comandante. O escrito de Carvajal assegurou, assim, a legitimidade da empresa de conquista de Orellana². Este conquistador foi recompensado pelos seus serviços à Majestade descritos na *Relación del Nuevo Descubrimiento del famoso Rio Grande que descubrió por muy gran ventura el Capitán Francisco Orellana* do frei dominicano, sendo recebido na corte de Carlos V, em maio de 1543 e nomeado, em fevereiro de 1544, como *Adelantado* de um território “descoberto” durante a expedição e que foi batizado de *Nueva Andalucía*.

O expediente de Gaspar de Carvajal permite que concordemos com Mathew Restall, que associa as *relaciones* com as *probanzas de merito*³. Nos sentimos bastante confortáveis ao relacionar estes dois modelos de escrita, pois mesmo Walter Mignolo admite que os textos coloniais não obedecem a modelos, mas são híbridos e que, apesar

² Cabe ressaltar que Gonzalo Pizarro também escreveu um documento relatando a sua versão da expedição à Amazônia que fez, até determinado trecho, junto à Francisco de Orellana. Se trata de uma carta endereçada por Pizarro ao rei espanhol em 3 de setembro de 1542. Foi o escrito de Gaspar de Carvajal, no entanto, que ficou célebre e que repercutiu a viagem nos meios espanhóis.

³ Diz Restall que “além dos documentos que se auto-intitulam *probanzas* e encontram-se em estrita conformidade com suas convenções, havia ainda outros tipos de relatórios, que também apresentavam a maioria das particularidades das *probanzas* - tais como as *relaciones* (relatórios ou prestações de contas), *cartas* e *Cartas de relación*. Normalmente, as *probanzas* e *relaciones* eram endereçadas ao rei, conquanto às vezes se dirigissem diretamente a outros funcionários reais, como intermediários” (RESTALL, 2006: 41).

de sua tentativa de categorizá-los em níveis de tipo, estrutura e formação discursiva, não se pode “*forzar una clasificación rígida de los textos en consideración, sino tomarlos en su ambigüedad*” (MIGNOLO, 1992: 98). Na maioria das vezes remetendo-se à Coroa, o escritor da *probanza* tinha como principais intuítos reivindicar não somente títulos de nobreza, mas, principalmente, a memória do evento narrado, assim como fez Gaspar de Carvajal com a expedição de que participou. Duas décadas depois, o precedente do religioso serviu a sete conquistadores que, também de forma espontânea, escreveram as suas *Relaciones*, construindo e legitimando suas verdades sobre o desenrolar de outra viagem à Amazônia, a *Jornada de Omagua y Dorado*.

Uma Jornada, sete Relaciones

Poucos eventos da Conquista Espanhola originaram tantos testemunhos presenciais escritos como a *Jornada de Omagua y Dorado*. Da maioria das viagens exploratórias ocorridas no mesmo XVI daquela expedição, via de regra, emergia somente uma ou outra “voz” para descrever, explicar e organizar os acontecimentos vividos, tal como aconteceu na empresa de Pizarro e de Orellana. No caso da *Jornada*, foram nada menos do que sete *Relaciones*: Pedro de Monguía e Gonzalo Zuñiga escreveram-nas antes mesmo do final da expedição; as subsequentes foram produzidas por Custodio Hernández, Juan de Vargas Zapata, Francisco Vázquez e Pedrarias de Alместo, havendo, ainda, uma anônima, sem referência pessoal ou assinatura. Nenhuma delas foi requerida por autoridades reais, tampouco seus autores foram especialmente destacados do grupo expedicionário para o ofício da escrita. Não eram burocratas, funcionários reais ou missionários os que as realizaram, mas conquistadores que atuaram nas mais diferentes funções da empresa da qual tomaram parte. Todos, mesmo aqueles cujas *Relaciones* foram produzidas ainda durante o andamento da *Jornada*, sobreviveram ao final da longa e tumultuada travessia do rio Amazonas e tiveram consciência da importância de construir as suas próprias versões sobre o ocorrido durante a expedição.

Não há dúvidas de que as *Relaciones* da *Jornada de Omagua y Dorado* são relatos de viagem muito particulares. Por um lado, como em tantos outros, “*reconstruyen un itinerario y narran una experiencia que implica un desplazamiento geográfico (espacial-temporal) para dar cuenta de geografías, naturaleza, gente y*

costumbres ajenas para la sociedad receptora del texto” (OTO; RODRÍGUES, 2008: 22). Por outro, relatam a difícil realidade interna da expedição: a insatisfação, a indisciplina, a violência e a insubordinação entre homens do próprio campo espanhol, elementos que escritos de outras viagens não haviam apresentado até então. Foi a rebelião a motivação e o elemento central da escrita das *Relaciones*. Noticiar informações a respeito das províncias e das populações a serem conquistadas que vislumbraram em meio à floresta era objetivo secundário, praticamente protocolar. Afinal, para os viajantes da *Jornada*, o ato da escrita se tornou a forma de demonstrar sua própria inocência diante de possíveis acusações de cumplicidade ou de participação na rebelião e nos crimes de lesa-majestade praticados entre eles durante a expedição. Já que não podiam reivindicar títulos, terras ou riquezas descobertas, pelo óbvio insucesso da empresa de conquista da qual participaram, o projeto pessoal dos expedicionários que escreveram seus textos se tornou a tentativa de auto-justificação. De que outra forma, se não através do caráter oficial e legitimador das *Relaciones*, estes homens explicariam à Coroa o fato de terem participado de um episódio de insubordinação à monarquia? Como, em meio ao ambiente hostil e conturbado que descreviam, demonstrariam “valer más”, ambição fundamental entre os conquistadores na sociedade que se formava na América, filha legítima de uma Castela ligada à hierarquia de posições e atenta à ideia da honra?

Tendo em vista o modelo de *probanza* destes escritos, seus autores-atores⁴ enalteceram suas atitudes, “procurando, pois, denegrir processos e padrões de conduta genéricos” (RESTALL, 2006: 40). Em todas as *Relaciones* a perspectiva dos escritores será a mesma: posicionar-se ao lado da ordem monárquica (à qual pretendiam reintegrar-se após o desfecho da *Jornada*) e dissociar-se do grupo insurgente, desqualificando os rebeldes, suas ações e intenções. Assim, além de justificar os seus comportamentos durante a *Jornada*, os escritores-expedicionários intentaram, através de suas *Relaciones*, construir as suas verdades e consolidá-las como a memória do evento. Não é por acaso que alguns deles chegaram, com poucas variações entre uns e outros, a incluir no título, além do termo “*relación*”, a palavra “*verdadera*”. Por esta construção

⁴ Tomamos a expressão “autores-atores” de empréstimo de Leandro Karnal, pois traduz bem a idéia de que os escritores das *Relaciones* da *Jornada* também foram protagonistas do evento relatado (KARNAL, 2006: 16). Às vezes utilizaremos também “escritores-expedicionários” ou “autores-expedicionários” com o mesmo sentido.

passa, impreterivelmente, a elaboração de uma série de representações sobre a realidade vivida durante a *Jornada*, como veremos nas próximas páginas: nas *Relaciones*, os seus autores não só caracterizarão o grupo rebelde, personalizando-o na figura de Lope de Aguirre, como também representarão o evento e produzirão uma imagem para si.

A “produção do eu” ou “escrita de si” é uma característica bem própria de textos de *probanzas* como, de certa forma, já explicitamos em outra oportunidade. Apesar de não se tratarem de escritos autobiográficos, através deles seus autores pretenderam produzir uma espécie de propaganda de seus feitos, assim como fez Hernán Cortés em suas *Cartas Relatorias*. No decorrer de suas *Relaciones*, os expedicionários que relataram sobre a *Jornada de Omagua y Dorado* escreveram na primeira pessoa do singular, com a clara intenção de fixar um posicionamento sobre os acontecimentos, assentando “sua autoridade, sua legitimidade como ‘prova’” (GOMES, 2004:15). Em alguns casos, no entanto, os autores preferiram referirem-se a si na terceira pessoa do singular, às vezes pelo próprio nome, como se estivessem assistindo os fatos narrados “de fora”. Esta opção, de qualquer forma, auxiliou os conquistadores na construção de uma “representação e/ou invenção de si” (GOMES, 2004: 17), cujo objetivo principal era neutralizar qualquer indício de uma “*actuación personal cuestionable o equivocada*” e provar méritos, reafirmando sua “*lealtad incondicional al rey*” (PASTOR, 1988: 307). É claro que não é nossa pretensão julgar a veracidade da inocência e da lealdade de cada um dos expedicionários: estamos em busca da intenção e da forma com que eles construíram a si em seus escritos.

Trechos das *Relaciones* que descrevem o assassinato de Lope de Aguirre exemplificam com bastante clareza da utilização desta “escrita de si”, ao narrar a desagregação do grupo expedicionário, quando aqueles que retrocederam nas disposições iniciais da rebelião aproveitaram para dar fim à vida e aos projetos de Lope de Aguirre. Um dos autores, Custodio Hernandez, relatou, então, o seu protagonismo na prisão do rebelde:

«cuando Custodio Hernandez vido que sus amigos y otros estaban ya en el campo de Su Majestad cabalgó en su caballo y fue corriendo cuesta abajo» hasta el fuerte... «puso mecha en la serpentina» y entró corriendo y preguntando por Aguirre «a las cuales voces el mismo tirano salió». Hernandez le apuntó con el arcabuz y «le dijo sed preso por su majestad y dejad ese arcabuz que trais en las manos». Respondió el tirano: «preso soy» y Hernandez quitole la espada y la daga [...] (HERNANDEZ, [s/a], 1981: 199)

Custodio Hernandez buscou transcrever até mesmo as falas que ele e outros personagens teriam proferido durante o acontecimento narrado. Neste sentido, aparece no texto um sensacional – e até curioso – diálogo que nos parece demonstrar o objetivo do autor de engrandecer ou confirmar a sua ação em prol da ordem monárquica. Na cena descrita, o expedicionário entrega Aguirre aos seus superiores dizendo: “*Sr. maeste de campo aquí entrego a un a Lope de Aguirre vivo que yo le prendí*”. Ao que o prisioneiro teria confirmado: “*es muy gran verdad que Custodio Hernandez me prendió*” (HERNANDEZ, [s/a], 1981: 200). O autor encerrou a sua *Relación* narrando que Lope de Aguirre foi morto a *arcabuzazos* por dois “soldados”, mas que foi ele, Custodio Hernandez, quem o decapitou e mostrou, vitorioso, sua cabeça aos representantes da Coroa. O autor-ator da *Relación* contrariava, assim, o pensamento do líder rebelde que, como fez parecer na carta de que falávamos antes, acreditava que Hernandez morreria ao seu lado:

«yendo cayendo Custodio Hernandez le echó mana a las barbas y le corto la cabeza con su misma espada» (del tirano) y con ella salía a recibir al Gobernador y al Capitán General mientras que Garcia Rengel que había entrado con Paredes recogía las banderas que andaban tiradas. «desta manera murió el tirano y se desbarató y tengan entendido que esta es la verdad, y sino buduan a hacer probancia de nuevo en la gobernación, y hallarán que es la verdad, y los mismos soldados de la gobernación andan mofando de que algunos publican lo que no hicieron». (HERNANDEZ, [s/a] 1981: 200)

«desta manera murió el tirano y se desbarató y tengan entendido que esta es la verdad, y sino buduan a hacer probancia de nuevo en la gobernación, y hallarán que es la verdad, y los mismos soldados de la gobernación andan mofando de que algunos publican lo que no hicieron». (HERNANDEZ, [s/a] 1981: 200)

Três outros relatos de integrantes da *Jornada* que tratam a execução de Lope de Aguirre concordam com a participação de Custodio Hernandez no episódio⁵. Na *Relación* anônima, confirma-se que foi aquele expedicionário quem “*cortó la cabeza*” (ANÔNIMA, [n/a] 1981, p. 280) do rebelde. As *Relaciones* de Francisco Vázquez e de Pedrarias de Alместo também apontam este fato, mas trazem alguns elementos que permitem que acreditemos que, como escreveu Aguirre, Hernandez foi seu aliado na sublevação, sendo um homem de sua confiança. Ao narrar a prisão do líder da rebelião,

⁵ Somente no relato de Juan de Vargas Zapata é que Custodio Hernandez não aparece na narração da morte de Aguirre. Nela, é um representante do Coroa, chamado Diego García de Paredes, quem “*cortó la cabeza*” do rebelde (ZAPATA, [1562] 198: 298). De qualquer forma, a *Relación* de Zapata não relata com detalhes o desfecho da *Jornada*.

Vázquez afirma que, quando Aguirre viu os soldados que haviam fugido de seu mando vindo em sua direção, logo se rendeu e baixou as suas armas, pois um deles era “*Custodio Hernandez marañón y muy amigo suyo*” (VÁZQUEZ, [s/a] 1987: 165). O mesmo autor seguiu relatando que o próprio Hernandez, junto a outro expedicionário chamado Cristóbal Galindo, foi quem alvejou o rebelde com *arcabuzazos* e que, após ter cortado sua cabeça, a levou até o Governador. Já Pedrarias de Alместo não incluiu Custodio Hernandez entre os matadores em seu escrito, mas afirmou que foi ele quem decapitou Lope de Aguirre: “*muerto, pues, el perverso tirano, le fue cortada la cabeza por uno de sus marañones, y no poco culpado, llamado Custodio Hernandez, que fuese con Pedrarias de Alместo a dar la nueva al Gobernador y Capitán General [...]*” (ALMESTO, [s/a] 1986: 219). Vemos que Alместo associou Hernandez ao grupo rebelde, afirmando, inclusive, que ele não era “*poco culpado*” pela insurgência. Através desta citação podemos constatar, ainda, que o autor desta *Relación* [Pedrarias de Alместo], também referindo-se a si na terceira pessoa do singular, adicionou seu nome como co-participante do assassinato de Lope de Aguirre. Da mesma maneira, a *Relación verdadera* que produziu Pedrarias de Alместo é repleta de trechos assim, nos quais o autor se inscreveu em episódios cruciais do evento, sempre se posicionando em oposição às ações de rebelião.

Podemos perceber que uma estratégia de escrita muito utilizada pelos expedicionários na “produção do eu” e para afirmar a sua “lealdade incondicional ao rei”, foi inscrever-se nos textos da *Jornada* como se tivessem estado sempre distantes dos acontecimentos de insubordinação a Felipe II. Neste sentido, não faltam nas *Relaciones* trechos em que eles, tacitamente, buscaram evidenciar que não fizeram parte do grupo rebelde, mas que havia um grande distanciamento entre eles e os insurgentes. Nos momentos em que narraram algum fato corriqueiro da viagem, como a descrição de um lugar, o contato com as populações nativas ou a navegação do rio, por exemplo, o fizeram em nome de todos os integrantes da expedição. Isto ocorreu em praticamente todas as *Relaciones*⁶, mas exemplificaremos com extratos do texto de Francisco Vázquez: “*Aquí vimos* [grifo nosso] *algunas poblaciones en islas de indios desnudos y flecheros* (VÁZQUEZ, [s/a] 1981: 101) ou “*Cuando llegamos* [grifo nosso] *a este pueblo se nos huyeron dos guías que traíamos desde Perú (...)*” (VÁZQUEZ, [s/a]

⁶ Há uma exceção que é o escrito anônimo, no entanto, desconsideremos neste momento.

1987: 103). No entanto, quando se referiram aos viajantes “traidores”, os autores-atores se excluíram do relato: “*Todo el tiempo que se **estuvieran los tiranos** [grifo nosso] *sin salir de los bergantines con su guardia y amigos, en el uno su maese de campo, y en el otro el tirano Lope de Aguirre, y no **dejaban** [grifo nosso] dormir ni estar dentro a alguno de los sospechosos*” (VÁZQUEZ, [s/a] 1987: 104); “*Lunes por la tarde a 20 de julio de 1561, **llegó** [grifo nosso] el tirano Lope de Aguirre con sus malditos secuaces a la Isla Margarita (...)*” (VÁZQUEZ, [s/a] 1987: 109).*

Apesar de deixarem subentendidas muitas coisas nestes escritos, foi de maneira explícita que os autores das *Relaciones* se representaram como fiéis súditos do rei e crentes em Deus, como vimos. Variadas vezes em suas narrativas, fizeram questão de afirmar esta condição e de explicitar o valor da reverência à majestade, recurso retórico bastante particular, parte do “teatro da memória” produzido por estes homens para explicar os seus comportamentos e as suas convicções que teriam sido mantidos durante e após a *Jornada*. Demonstramos esta situação com o seguinte trecho da *Relación* de Alместo:

*Y menos se acordaban [os rebeldes] que, aunque **Su Majestad el rey D. Felipe, nuestro señor** [grifo nosso], esté con su persona lejos de estas partes de los indios, tiene en ellas muchos y leales servidores y ministros, y **que por el hombre es y ha de ser acatado y reverenciado de los buenos y temido de los malos** [grifo nosso] en todas y en más lejanas partes del mundo.* (ALMESTO, [s/a] 1986: 141)

Além destas positivas representações de si mesmos, os escritores-expedicionários das *Relaciones*, como *probanzas* que são, ainda se utilizaram de outra estratégia para justificar seus atos e demonstrar a ausência de sua responsabilidade e culpabilidade frente à rebelião. Como veremos nas próximas laudas, construíram a *Jornada* de uma forma muito particular e imputaram aos insurgentes uma representação bastante negativa, sendo foram individualizados na figura de Lope de Aguirre, inscrito como o principal responsável por todo o ocorrido.

Considerações finais: construindo um evento e um personagem

A escrita de *probanzas* era uma prática recorrente entre os conquistadores da América. Tanto que este tipo documental acabou por se tornar, durante o século XVI, o discurso histórico dominante, “a forma convencional como os espanhóis enxergavam e representavam a Conquista” e seus protagonistas (RESTALL, 2006: 44). Como já

vimos, o objetivo central das *probanzas* era a justificação, a legitimação de atos e de atitudes individuais. Por este motivo, nelas era comum que se estruturasse a história da Conquista Espanhola em narrativas claras e lineares, que conduzissem de modo inexorável à vitória e confirmassem a superioridade civilizacional dos espanhóis, exaltando os seus heróis e os seus feitos (RESTALL, 2006: 49). Se observada sob esta perspectiva de escrita da história, a *Jornada de Omagua y Dorado* não seria um feito ao qual a monarquia hispânica se orgulharia de propagar ou faria questão de guardar para a sua memória. No entanto, bastante cedo circularam narrativas produzidas no âmbito da viagem: a primeira historiografia que se produziu da *Jornada* e de seus personagens foi realizada através das *Relaciones*, escritas por expedicionários sob as expectativas e as características das *probanzas*. Tendo isto em vista, torna-se relevante indagar como estes autores-atores inscreveram na história da Conquista aquela frustrada empresa exploratória de que participaram, que culminou na rebeldia e na violência entre pares, e ainda como representaram o seu personagem principal, um conquistador insurgente.

Já dissemos que a escrita, no século XVI, era utilizada sobretudo para registrar as experiências, o vivido; a exposição daquilo que se viu garantiria, por si só, a autoridade e a veracidade do narrado. Desta maneira, a *Jornada* e Lope de Aguirre foram inscritos como exceções na história da Conquista. O final do evento – com o desmantelamento da sublevação e a execução do personagem – foi construído nas *Relaciones* como a redenção daquela história. Afinal, como boas *probanzas*, deveriam contar a vitória da monarquia espanhola em solo americano. Naqueles escritos, Aguirre e sua rebelião representavam o mal que havia sido combatido pelas forças do rei, “mal” iniciado e encerrado naquela *Jornada*, experiência afastada da realidade, particularizada. Neste sentido, apesar da multiplicidade de pontos de vista, os sete expedicionários que escreveram as *Relaciones* acabaram construindo um único e coerente discurso sobre a *Jornada de Omagua y Dorado* e sobre Lope de Aguirre. Beatriz Pastor chegou a definir este conjunto de textos como “*distintas voces de un mismo discurso narrativo*” (PASTOR, 1988: 290), formulando uma categoria especial de análise que ela intitulou o “discurso de rebelião” da Conquista Espanhola da América.

Assim, a caracterização negativa de Lope de Aguirre é o ponto central de todas as *Relaciones*. É digno de nota que este personagem foi descrito como o contraponto

absoluto do “modelo de conquistador”, idealizado, naqueles escritos, no Governador Pedro de Ursúa. Assim, se o comandante da *Jornada* era um tipo delicado, bem proporcionado, de boa apresentação e que mantinha a sua barba “*bien posta y poblada*” (VÁZQUEZ, [s/a] 1987: 79), o insurgente era “*pequeño de cuerpo, y de muy poco, mal agestado y chupada la cara, los ojos, que si miraban fijo le bullían, en especial estando anojado*” (VÁZQUEZ, [s/a] 1987: 167), e manco de uma perna “*y de las manos de muchos arcabuzazos que le han dado en batallas en Perú*”⁷ (ZUÑIGA, [1561] 1981: 26). Enquanto Ursúa, o protótipo do conquistador ideal, era um bom e fiel vassalo, que “*servió bien a Su Majestad, bien y fielmente, sin que en él se hallase cosa en contrario, ni aún en pensamiento, según lo que en él se conoció*” (ALMESTO, [s/a] 1986: 130), Lope de Aguirre é referido em todas as *Relaciones* como “*el gran traidor*” (ZUÑIGA, [1561] 1981: 26). Ele é retratado como um tirano “*malo, perverso, así era enemigo de los buenos y virtuosos; y pocos a pocos ha venido matando todos los más hombres de bien, y teniéndolos por sus enemigos, porque como tuviese presunción o manera de hombre de bien, temíase dellos y no consentía que tal hombre viniese entre ellos*” (ALMESTO, [s/a] 1986: 182).

E, ainda, se o “modelo de conquistador” era um “*caballero muy honrado*” (ZAPATA, [1562] 1981: 293) que dedicava a vida a prestar serviços a Deus e à Sua Majestade, Aguirre aparece como um “*malvado*”, um “*cruel matador*”, um “*perro rabioso*”, um “*endemoniado*”; um homem que fazia questão de praguejar, em diversos momentos, contra a divindade católica e contra o rei: “[...] *y no solamente hacía esto, pero blasfemaba y renegaba de Dios, sumo Rey y Señor de todos [...]*” (ALMESTO, [s/a] 1986: 175). Os autores das *Relaciones* da *Jornada* se esforçaram em inscrever Lope de Aguirre na história da Conquista como um herege com tratos diabólicos, um homem degradado: “*Hera un hombre de vivo juicio aunque lo empleaba mal, que decir de él que era el más mal hombre que de Judas acá habido, pues fue traidor a Dios, al rey y a sus amigos*”. (ANÔNIMA, [s/a] 1981: 280);

[...] *había dicho muchas veces que cuando no pudiese pasar al Perú y destruir y matar a todos los que contra él fuesen, que a lo menos quedaría eterna en la memoria de los hombres la fama de sus crueldades, y que su*

⁷ Francisco Vázquez e Gonzalo de Zuñiga descreveram o tipo físico de Lope de Aguirre de maneira muito parecida. A *Relación* Anônima também traz algo semelhante: “*Este perverso tirano era vascongado natural de la Villa de Oñate, sería cuando murió cuarenta y cinco años, y dendo arriba que ya le faltaban las muelas, era pequeño de cuerpo y muy mal hecho feo de rostro y los ojos muy sumidos, entreayrados y cojeaba la pierna derecha*” (ANÔNIMA, [s/a] 1981, p. 280).

cabeza sería puesta en el rollo para que su memoria no pereciese, y con esto se contentaba, y así se cumplió a la letra, y su ánima fue a los infiernos, donde él decía muchas veces que deseaba ir, porque allá estaba Julio César y Alejandro Magno y otros valientes capitanes, y que en el cielo estaban pescadores y carpinteros y gente de poco brío. El fue al infierno a hacerles perpetua compañía y quedará dél la memoria eterna que quedó del maldito Judas, para que blasfemen y escupan del más perverso hombre que ha nacido en el mundo. (VÁZQUEZ, [s/a]1987: 166)

Lope de Aguirre, assim, foi caricaturado como “o mais perverso homem do mundo”. Sua “traição” foi comparada à de Judas; sua “tirania” à de Julio Cesar e de Alexandro Magno. Os autores das *Relaciones* acabaram transformando aquele personagem em principal responsável pela insurgência, como se sozinho ele pudesse ter realizado todos os atos violentos e de infidelidade cometidos durante a *Jornada*. Somente a ele os relatos inculcam a morte de mais de 70 pessoas⁸, incluindo, entre elas, clérigos, mulheres e sua própria filha. No entanto, os escritores-expedicionários *olvidavan* o fato de que, como eles próprios escreveram, Aguirre nunca esteve sozinho em seu levante. Nas *Relaciones*, encontramos-lo sempre cercado por aliados em suas ações.

É provável que a oposição construída pelos autores das *Relaciones* entre as características físicas e morais de Pedro de Ursúa e de Lope de Aguirre, tenha sido a maneira encontrada por eles para representar o que era (ou o que faziam crer que era) o “bem” e o “mal” no contexto da *Jornada*. Neste sentido, discordamos em parte do conceito de “discurso de rebelião” formulado por Beatriz Pastor. Apesar de assentirmos com a autora que nas *Relaciones* desapareceram os elementos míticos, já que, nestes escritos, *Omagua* e *El Dorado* acabaram, de fato, sendo desconstruídos e reavaliados, acreditamos que os modelos da Conquista permaneceram nas narrativas que os expedicionários construíram para contar a história da *Jornada*; nelas, estes modelos não foram “liquidados”, como afirma a autora, pelo contrário: eles foram afirmados. Foram a ação e as ideias dos insurgentes – e não os escritos dos expedicionários – que descaracterizaram os modelos, que esfacelaram as relações de vassalagem, que fragmentaram e promoveram a violência no campo espanhol, que liquidaram o protótipo do conquistador “cortês”. Os autores das primeiras narrativas sobre a

⁸ Francisco Vázquez afirmou que Aguirre “*era tan cruel y malo que a los que no le habían hecho mal los mataba sin causa ninguna*” (VÁZQUEZ, [s/a]1987: 129). Gonzalo de Zuñiga relatou que aquele conquistador “*procuraba matar poco a poco toda la gente noble, y caballeros*” (ZUÑIGA, [1561] 1981: 18). Apesar disto, o que observamos nas *Relaciones* é que poucas vezes Aguirre cometeu sozinho aqueles crimes.

expedição desqualificaram aquelas ações e os seus protagonistas enquanto laureavam os “leais”, dos quais se diziam representantes. Reafirmavam, desta maneira, o modelo épico de representação da Conquista e dos conquistadores. Com suas palavras, intentavam agradar a monarquia e, como tantas vezes já dissemos, despir-se de culpas.

Não é por acaso que, nas *Relaciones*, a narração da *Jornada* é encerrada com a derrota dos insurgentes pelos leais⁹. A execução de Lope de Aguirre indica de que maneira a história da Conquista Espanhola, para a Coroa e seus defensores, deveria ser escrita. Nas *Relaciones*, aquele rebelde ficou marcado como a encarnação de todos os vícios e maldades necessários para justificar, por si só, a sublevação contra o rei – mais uma no contexto da Conquista Espanhola – da qual tomou parte junto aos seus companheiros de *Jornada*. Ressaltava-se, assim, a vitória da monarquia e demonstrava-se como terminava um embate que opunha “conquistadores modélicos e fiés” a “conquistadores tiranos e traidores”. O fim daquele evento e daquele personagem produzem, naqueles escritos, a restauração fictícia da ordem e da paz no território hispano-americano, como concluiu Francisco Vázquez quando disse que “*quedó la tierra sossegada con la muerte de tan mal hombre [...] y hubo paz*” (VÁZQUEZ, [s/a] 1987: 169). No entanto, ao contrário do que, talvez, imaginavam os expedicionários – e do que pretendiam o rei Felipe II e as autoridades espanholas – as *Relaciones* não colocavam um ponto final definitivo nesta história. Depois disto, diversos outros escritos continuaram repercutindo a *Jornada*, fazendo com que o personagem Lope de Aguirre, mesmo com a imagem detratada, permanecesse “vivo” na memória da Conquista.

Referências

Fontes

[s/a] ALMESTO, Pedrarias de. Relación verdadera de todo lo que sucedió en la Jornada de Omagua y Dorado [...]. In: CARVAJAL, G.; ALMESTO, P. & ROJAS, A de. *La aventura del Amazonas*. Ed. Rafael Díaz. Madrid: Historia 16, 1986. (Crónicas de América 19).

[s/a] ANÓNIMA. Relación de todo lo sucedido en la gobernación de Omagua que por otro nombre se llama El Dorado [...]. In: GONZÁLEZ, Elena M.; TUR, Neus E. (org.). *Lope de*

⁹ Mesmo as *Relaciones* de Zuñiga e Monguía que não descrevem a execução Aguirre por terem sido escritas antes daquela acontecimento, narram alguns acontecimentos que indicavam o início do desmantelamento da sublevação, como a fuga e a deserção de alguns de seus participantes, por exemplo.

Aguirre: Crónicas 1559-1561. Barcelona: Editorial 7 ½ S.A./Ediciones Universidad de Barcelona, 1981. pp. 274-281.

[s/a] HERNANDEZ, Custodio. Relación muy verdadera que trata de todo lo que acaeció en la entrada de Pedro de Orsua en el descubrimiento del Dorado y Omagua [...]. In: GONZÁLEZ, Elena M.; TUR, Neus E. (org.). *Lope de Aguirre: Crónicas 1559-1561*. Barcelona: Editorial 7 ½ S.A./Ediciones Universidad de Barcelona, 1981, pp. 191-200.

[1561] MONGUÍA, Pedro de. Relación breve fecha por Pedro de Monguía, capitán que fue de Lope de Aguirre, de lo más sustancial que ha acontecido [...]. In: GONZÁLEZ, Elena M.; TUR, Neus E. (org.). *Lope de Aguirre: Crónicas 1559-1561*. Barcelona: Editorial 7 ½ S.A./Ediciones Universidad de Barcelona, 1981, pp. 175-187.

[1561] ZUÑIGA, Gonzalo de. Relación muy verdadera de todo lo sucedido en el Río Del Marañon, en la Provincia del Dorado [...]. In: GONZÁLEZ, Elena M.; TUR, Neus Es. (org.). *Lope de Aguirre: Crónicas 1559-1561*. Barcelona: Editorial 7 ½ S.A./Ediciones Universidad de Barcelona, 1981, pp. 3-29.

[s/a] VÁZQUEZ, Francisco. Relación verdadera de todo lo que sucedió en la jornada de Amagua y Dorado [...]. In: _____. *El Dorado: crónica de la expedición de Pedro de Ursua y Lope de Aguirre*. Introd. de Javier O. de la Tabla. Madri: Alianza Editorial, 1987. 171 p.

[1562] ZAPATA, Juan de Vargas. Carta-Relación. In: GONZÁLEZ, Elena M.; TUR, Neus E. (org.). *Lope de Aguirre: Crónicas 1559-1561*. Barcelona: Editorial 7 ½ S.A./Ediciones Universidad de Barcelona, 1981. pp. 293-300.

Bibliografia

CARDOSO, Sérgio. O olhar viajante (do etnólogo). In: NOVAES, Adauto. (org.). *O Olhar*. São Paulo: Companhia das Letras, 1988, pp. 347-360.

CHARTIER, Roger. Inscrever e apagar: cultura escrita e literatura, séculos XI-XVIII. São Paulo: Editora UNESP, 2007.

DE CERTEAU, Michel. *A Escrita da História*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1982.
GOMES, Ângela Castro. Escrita de si, escrita da História: a título de prólogo. In: _____. *Escrita de si, escrita da História*. Rio de Janeiro: Editora FGB, 2004, pp. 7-26.

GREENBLAT, Stephen. *Possessões Maravilhosas: o deslumbramento do Novo Mundo*. Trad. de Gilson César Cardoso de Souza. São Paulo: EDUSP, 1996. 193 p.

KARNAL, Leandro. As crônicas ao sul do Equador. *Idéias*, Campinas, 13(2): 11-23, 2006.

MARTINS, Maria Cristina Bohn. Descobrir e redescobrir o Grande Rio das Amazonas. As *Relaciones* de Carvajal (1542), Alonso de Rojas SJ (1639) e Christóbal de Acuña SJ (1641). *Revista de História*, São Paulo, n. 156: 31-57, 1º Semestre de 2007.

MIGNOLO, Walter. Cartas, crônicas y relaciones del descubrimiento y la conquista. In: MADRIGAL, Luis Iñigo (org.). *Historia da literatura hispanoamericana* (época colonial) Tomo I. Madrid: Cátedra, 1992, pp. 57-103.

OTO, Alejandro de; RODRÍGUEZ, Jimena. Sobre fuentes históricas y relatos de viaje. In: FERNÁNDEZ, S.; GELI, P.; PIERINI, M. (ed.). *Derroteros del viaje en la cultura: mito, historia y discurso*. Rosário: Prohistoria Ediciones, 2008, pp. 21-32.

PASTOR, Beatriz. *Discurso narrativos de la Conquista: mitificación y emergencia*. 2. ed. Hannover: Ediciones del Norte, 1988.

REIS, Anderson Roberti dos; FERNANDES, Luiz Estevam de Oliveira. A crônica colonial como gênero de documento histórico. *Ideias*, Campinas, 13 (2): 25-41, 2006.

RESTALL, Matthew. *Sete mitos da conquista espanhola*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2006.